



“Desespero e desenlace”, de Clarice Lispector: revista *Colóquio/Letras*

“Desespero e desenlace”, by Clarice Lispector: *Colóquio/Letras Magazine*

Thiago Cavalcante Jeronimo

Universidade de Aveiro, Aveiro / Portugal

thiagocavalcante@ua.pt

<https://orcid.org/0000-0003-4856-8052>

Resumo: Este artigo analisa o conto “Desespero e desenlace às três da tarde”, de Clarice Lispector (1920-1977). Ainda inédito em suporte livro, o conto, construído em três níveis narrativos, retrata a personagem J.B., que, após vivenciar um acontecimento banal, ensejo que sustenta a intriga, regressa, modificada, à casa. O texto dialoga com a ossatura narrativa de outras produções da ficcionista e materializa-se de forma singular em sua escrituração em razão de existirem duas versões composicionais: uma versão portuguesa, *corpus* deste estudo, e uma versão brasileira. Publicado na revista portuguesa *Colóquio/Letras*, em 1975, o conto em análise será interpretado, dentre outros, à luz dos conceitos de antiepifania, na esteira de Olga de Sá (1928-2020), e do recurso nomeado por Mikhail Bakhtin (1895-1975) como “diálogo no limiar”.

Palavras-chave: Clarice Lispector; literatura brasileira; antiepifania; diálogo no limiar.

Abstract: This article analyzes the short story “Desespero e desenlace às três da tarde”, by Clarice Lispector (1920-1977). Still unpublished in a book, the short story, constructed in three narrative levels, portrays the character J.B., who, after experiencing a banal event, which supports the main plot, returns home changed. The text dialogues with the narrative structure of other writings by the author and materializes in a unique way in her writing technique due to the existence of two compositional versions: a Portuguese version, which is the object of this study, and a Brazilian version. Published in the Portuguese literary journal *Colóquio/Letras*, in 1975, the short story under analysis will be interpreted, among others, in the light of the concepts of antiepiphany, in the wake of Olga de Sá (1928-2020), and the resource named by Mikhail Bakhtin (1895-1975) as “dialogue on the threshold”.

Keywords: Clarice Lispector; Brazilian literature; anti-epiphany; dialogue on the threshold.

Um umbral novo, ampliando a capacidade de percepção.

(LISPECTOR, E., 1975, p. 137)

Introdução

Clarice Lispector (1920-1977) iniciou sua carreira jornalística bem cedo, contava dezenove anos quando ingressou como repórter na *Agência Nacional*, do Departamento de Imprensa e Propaganda. Em 1942, com vinte e dois anos, tornou-se repórter no jornal *A Noite*, periódico do mesmo grupo da editora homônima que lançaria, um ano após a sua admissão, o seu primeiro e repercutido livro *Perto do coração selvagem* (1943). Indica-se, com essas considerações iniciais, que a esfera jornalística foi constante na vida de Lispector; seu fluxo foi maior – em anos – do que os anos que a autora direcionou a sua extensa e peculiar produção ficcional.

Reconhecida como uma das melhores cronistas do Brasil, só para o *Jornal do Brasil*, durante os anos de 1967 a 1973, Clarice escreveu e publicou mais de trezentas crônicas. Contudo, o prestígio que a autora de *A paixão segundo G. H.* (1964) possuía não foi capaz de mantê-la entre os funcionários do noticiário. Em dezembro de 1973, sem maiores explicações, Lispector foi demitida, assim como fora o editor-chefe Alberto Dines e outros funcionários do quadro de colaboradores do periódico.

Em carta datada a 27 de julho de 1974, portanto, pouco mais de seis meses de seu desligamento do *Jornal do Brasil*, ao se corresponder com o jovem escritor e jornalista José Luís Mora Fuentes, Clarice Lispector comenta estar satisfeita por não ter um dos seus livros no catálogo de uma coleção e discorre acerca de sua produção como cronista: “quanto a crônicas, estou me arranjando com elas. Detesto escrever crônicas” (CARTAS..., 2015).

Marca-se que essa inclusão de parte de sua vida profissional-jornalística na materialidade da correspondência endereçada a Mora Fuentes se dá justamente porque, à época desse registro, como fora demitida do *Jornal do Brasil*, a escritora procurava manter seus rendimentos financeiros produzindo contos e crônicas, e também realocando parte de sua obra ficcional ou jornalística a outros meios de divulgação. Informação válida de aceitação, uma vez que a missiva de Lispector, a sinalizar a escrita-arranjo de crônicas, sugere que sua produção permaneceu ativa após o seu

desligamento do *Jornal do Brasil*. Interpretação abalizada, se respeitada a referência de que Clarice teve contos e crônicas publicados em uma revista feminina paulista, *Mais*, no período de 1975 a 1977, ano da morte da autora.

Sublinhe-se, no entanto, que, além de colaborar com a revista *Mais*, a década de 1970 é profícua e extensa no âmbito de produções e reedições de obras de Clarice Lispector. A autora lançou dois volumes de contos, *Onde estivestes de noite* (1974) e *A via crucis do corpo* (1974); reuniu textos primeiramente publicados na revista *Senhor* e no *Jornal do Brasil*, no compêndio *Visão do esplendor* (1975); selecionou entrevistas que fez para a revista *Manchete* e outras inéditas no volume *De corpo inteiro* (1975); voltou a entrevistar personalidades para a revista *Fatos & Fotos/Gente* (1976-1977); e, dois anos antes de lançar *A hora da estrela* (1977), teve um dos seus textos editado na revista portuguesa *Colóquio/Letras*: “Desespero e desenlace às três da tarde” (1975), texto que será apresentado nesta investigação como *corpus* de análise.¹

Registre-se a informação de que esse conto apresenta duas versões de escrita: “Desespero e desenlace às três da tarde”, publicado em Portugal, na revista *Colóquio/Letras*, em 1975; e “Desespero e desenlace às três da tarde”, publicado no Brasil, na revista *Mais*, em 1977.

A versão brasileira do conto “Desespero e desenlace às três da tarde” foi inserida na dissertação *O texto concreto: a reescrita dos textos em Clarice Lispector*, apresentada por Sandra Hahn, em 1995, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação de Ana Luiza Andrade. Hahn materializa uma cópia da publicação oficial do conto em questão, mas, infelizmente, não apresenta o nome do periódico em que o texto foi publicado, nem mesmo a data de sua efetiva publicação; outro problema acerca da catalogação desse conto é que o texto e sua imagem ilustrativa não foram adequados à paginação

¹ Clarice Lispector publicou dois textos na revista *Colóquio/Letras*: no número 25, lançado em maio de 1975, há o registro de “Desespero e desenlace às três da tarde”; no número 37, publicado em maio de 1977, encontra-se o conto “A procura duma dignidade”, texto que abre o volume *Onde estivestes de noite*, livro da autora, lançado no Brasil em 1974. Se no primeiro texto há uma readequação, embora dissimulada, da variedade do português europeu à configuração da narrativa, no segundo, entretanto, é feita a transposição do conto às páginas da revista modificando apenas o título da produção: “A procura de uma dignidade”, Brasil; “A procura duma dignidade”, Portugal.

do trabalho acadêmico, impossibilitando a leitura fluida da narrativa. Segundo a investigadora, a versão brasileira do conto de Clarice Lispector “possivelmente é da revista *Senhor* cuja data exata não foi possível precisar. Como não foi possível localizar todos os números da revista *Senhor*, fica esta dúvida que não pode ser sanada” (HAHN, 1995, p. 179).

Em 1998, por seu turno, o número 36 da revista *Travessia*, periódico do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta integralmente a versão brasileira do conto de Clarice Lispector, “Desespero e desenlace às três da tarde”, publicado por Ana Luiza Andrade, com a seguinte nota: “Texto inédito em coleção, resgate da Profa. Ana Luiza Andrade dos arquivos organizados por Eliane de Vasconcelos, na Casa de Rui Barbosa (publicado possivelmente em 1975, na revista *Senhor*)” (LISPECTOR, 1998, p. 82).

Grife-se, no entanto, a retificação: *Senhor* foi uma revista brasileira publicada em três períodos: 1959 a 1964; 1971 a 1972; e 1978 a 1988 (com o título de *Senhor Vogue* entre 1978 e 1979); em conformidade com as datas apresentadas, “Desespero e desenlace às três da tarde” não poderia ter sido publicado no periódico citado por Andrade, aludido, primeiramente, por sua orientanda, Hahn.

Por sua vez, Aparecida Maria Nunes, ao apresentar trabalho pioneiro acerca da produção de Clarice Lispector na revista *Mais*, aponta que a autora reaproveitou textos de sua produção à veiculação do periódico paulista *Mais*, e neste veículo também publicou “[...] histórias inéditas, como ‘A mosca no mel (ou a inveja de si)’, em 1975, e ‘Desespero e desenlace às três da tarde’, em 1977”² (NUNES, 2013, p. 27). A pesquisadora assinala que a edição brasileira do conto foi publicada em março de 1977, na página 17 da revista *Mais*: “para o mês de março, Clarice Lispector prefere divulgar um conto que, segundo anuncia na revista, consumiu ‘meio quilo de alma’ e a deixou trêmula e amedrontada”³ (NUNES, 2006, p. 101).

² Esclarece Aparecida Maria Nunes (2006): “entre 1975 e 1977, alguns contos e crônicas são publicados [por Clarice Lispector], de quando em quando, na revista paulista *Mais*, editada pela Três, em diagramação bem cuidada e com ilustrações que valorizam o texto de Clarice, a exemplo do tratamento dado pela revista *Senhor*, na década de 1960, aos seus contos” (p. 97).

³ A referência da publicação é marcada pela pesquisadora com o seguinte registro: “Clarice Lispector, ‘Desespero e desenlace às três da tarde’, em *Mais*, São Paulo, Três, março de 1977, p. 17” (NUNES, 2006, p. 101).

Marca-se que, para *corpus* de análise, este artigo priorizará a versão mais extensa do conto, isto é, a portuguesa. Acentua-se, contudo, o fato curioso de que ambas as versões ainda permanecem inéditas em suporte livro, isto é, não integram nenhum dos volumes de contos de Clarice Lispector, nem mesmo foram contempladas no compêndio *Todos os contos*, organizado por Benjamin Moser e publicado pela editora Rocco, em 2016.⁴

Experiências de linguagem: desenlace, desenlace

“Desespero e desenlace às três da tarde” é a primeira versão do conto “Desespero e desenlace às três da tarde”. O título poderia ser o mesmo em ambas versões, se não fosse o neologismo apresentado por Clarice – desenlace – a desestabilizar a palavra dicionarizada e considerada na edição portuguesa da narrativa, publicada dois anos antes da versão brasileira.

Se o vocábulo “desespero” evoca a denotação de “estado de consciência que julga uma situação sem saída” (DESESPERO..., 2001), o termo “desenlace”, por seu turno, designa “desenlaçamento [...], desfazimento de nó ou laçada”; tendo, também, sua acepção literária com o seguinte desdobramento:

acontecimento ou conjunto de acontecimentos que, no término de uma ação narrativa, tem por objetivo resolver a intriga e/ou a sorte dos personagens nela envolvidos, criando condições para a finalização da história; desfecho, epílogo. (DESENLAÇO..., 2001)

Em entrevista concedida a Celso Arnaldo Araújo, repórter da revista *Manchete*, em 1975, Clarice revela ao seu interlocutor que está escrevendo um conto; a síntese que a autora faz da produção, reconfigurada na edição jornalística de Araújo, acaba por divulgar detalhadamente o enredo que a escritora está produzindo:

⁴ Afirma Benjamin Moser (2016), erroneamente, no prefácio do volume *Todos os contos*: “muita coisa neste livro é sem precedentes. Quando, em 2015, foi publicado em inglês nos Estados Unidos e no Reino Unido, foi a primeira vez em qualquer idioma, inclusive em português, que todos os contos de Clarice foram reunidos em um único volume” (p. 12, grifo nosso).

Um homem de classe média entra num ônibus lotado e, minutos depois, sente vontade de vomitar, uma vontade inelutável. Se ele vomitasse, ninguém o perdoaria. Era ateu, mas mesmo assim dirigiu-se a Deus – “prometo nunca mais beber ou comer se eu não vomitar”. Afinal, chegou o ponto do ônibus e ele desceu. Sem ter vomitado. Uma vez na rua, a vontade voltou. O homem entrou num bar e foi direto para o mictório imundo. Com aquele odor insuportável, curvou-se sobre o vaso e vomitou. Aliviado, percebeu, entretanto, que seus documentos haviam caído na imundície. A princípio, sentiu-se perdido, porque sem documentos ele não era nada. Mas pouco a pouco começou a se sentir feliz, leve, senhor de si mesmo. Alegre como um rato alegre. Perdera a dignidade e a identidade. (ARAÚJO, 1975, p. 49)

A reportagem foi divulgada em 3 de maio de 1975, e a versão portuguesa do conto foi publicada no dia 25 do mesmo mês. Sublinhe-se que, na entrevista referenciada, Araújo indica que o conto “está para ser publicado numa revista portuguesa” (ARAÚJO, 1975, p. 49).

Interessa para análise subsequente a informação de que, como produto de criação ficcional, o conto publicado em Portugal **simula** a variedade europeia do português em sua configuração textual, mas deixa entrever a variedade brasileira em sua organização. Este recurso, ao abrigar as duas variedades linguísticas à construção da intriga, realça à feitura de “Desespero e desenlace às três da tarde”, à primeira vista, um transparente jogo de troca de palavras, e, nesse sentido, o faz diferir do conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga” – texto que abre o volume *Laços de família*, publicado em 1960.

Acerca desse conto, Clarice Lispector registrou que

De “Devaneio e embriaguez duma rapariga” sei que me diverti tanto que foi mesmo um prazer escrever. Enquanto durou o trabalho, estava sempre de um bom humor diferente do diário e, apesar de os outros não chegarem a notar, eu falava à moda portuguesa, fazendo, ao que me parece, experiência de linguagem. Foi ótimo escrever sobre a portuguesa.⁵ (LISPECTOR, 1999, p. 69)

⁵ Esse texto foi originalmente publicado no livro *A legião estrangeira*, em 1964, sendo materializado na seção “Fundo de gaveta”. A par das sucessivas edições dos livros de Clarice Lispector, essa seção, infelizmente, foi retirada da obra, sendo vendida em suporte livro, após a morte da autora, com o título *Para não esquecer* (1978).

Destaca-se que, na produção publicada em 1960, a autora escreve um texto em que a variedade linguística do português falado em Portugal é acionada tanto no discurso narrativo quanto na voz da narradora e nas vozes das personagens. Nesse veio, o léxico, a morfologia, a sintaxe e a fonologia da variedade europeia do português ocupam a totalidade do fluxo narrativo e materializam um conto peculiar não apenas dentro da produção de Lispector, mas no conjunto de textos produzidos na literatura brasileira.

Esta interpretação ancora-se no trabalho “O enunciador em um conto de Clarice Lispector”, de Ernani Terra (2020). O crítico, ao considerar o caráter inovador do conto “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” dentro do cânone literário brasileiro, acentua, ainda, que o texto é original

[...] não pelo fato de apresentar uma personagem de nacionalidade portuguesa falando o português europeu, mas principalmente por apresentar um narrador heterodiegético que se manifesta na variedade europeia do português, vale dizer, se não houvesse no paratexto a identificação do autor empírico, o leitor seria levado a crer que se trata de uma produção de autor lusitano. (TERRA, 2020, p. 243-244)

Em outros termos, a autora, para passar ao seu leitor a imagem – o *ethos* – de um falante nativo do português europeu, “não se restringiu somente a aspectos linguísticos, mas também a aspectos discursivos, especialmente aqueles relativos à projeção das categorias da enunciação no nível discursivo” (TERRA, 2020, p. 241). Conjecturas que intensificam no texto um caráter heterodiegético, isto é, “a ficcionalidade do conto *vai além do enunciado estendendo-se à enunciação*” (TERRA, 2020, p. 244, grifo nosso).

Por sua vez, o conto *corpus* deste artigo não cumpre os mesmos postulados antecipados por Lispector em “Devaneio e embriaguez duma rapariga”; ou seja, Clarice cria uma narrativa engenhosa de modo a **fingir** o uso do português europeu em sua tessitura poética, contudo, nessa manipulação textual, entreveem-se marcas explícitas do português do Brasil; por conseguinte, não há unicidade entre os aspectos linguísticos e discursivos à estruturação de “Desespero e desenlace às três da tarde”. Se na versão brasileira a personagem, um senhor de quase cinquenta anos, nomeado pelas iniciais J. B., se locomove por meio de um ônibus, na versão portuguesa, por exemplo, o veículo não recebeu o nome mais usual

na variedade europeia do português, o que seria facilmente enquadrado na produção por “autocarro”.

Abaixo é possível conferir referências linguísticas que dão a tônica à **encenação** da escritura de Lispector respeitante à variedade do português europeu:

Sentar-se no nobre banco de trás dum carro próprio *dando* mansamente ordens para o seu *chauffer* particular. (LISPECTOR, 1975, p. 50, grifo nosso)

Subiu no *ónibus* às três horas da tarde em pleno sol cheio. (LISPECTOR, 1975, p. 50, grifo nosso)

Parecia ser dono do veículo público *dando* ordens ao *chauffeur*. (LISPECTOR, 1975, p. 51, grifo nosso)

Ele estava danadamente *precisando* da comiseração de outros seres humanos. (LISPECTOR, 1975, p. 51, grifo nosso)

Uma gota [...] *escorrendo* depois pela face como lágrima de mártir. (LISPECTOR, 1975, p. 51, grifo nosso)

Pedia perdão a Deus [...] *pensando* que o que Deus quer do homem é esfacelamento da dignidade. (LISPECTOR, 1975, p. 51, grifo nosso)

Mas sabia que não haveria tempo de chegar *em* casa para lá poder proceder o acto escandaloso. (LISPECTOR, 1975, p. 52, grifo nosso)

A alma podre *saindo* do estômago aos trambolhões. (LISPECTOR, 1975, p. 52, grifo nosso)

E atônito viu todos os seus documentos *nadando* na sujeira. (LISPECTOR, 1995, p. 53, grifo nosso)

Lá estava no chão a sua *carteira de identidade*.⁶ (LISPECTOR, 1975, p. 53)

Os excertos supra alocados marcam um desequilíbrio – proposital/involuntário? – na cadência textual da narrativa lispectoriana. A diferença

⁶ Em 1975, o termo usado para “Carteira de identidade”, em Portugal, era “Bilhete de identidade”; atualmente usa-se a designação “Cartão de cidadão”.

não se limita apenas às palavras sinônimas “ônibus/autocarro”, conforme precedido; difere também a forma nominal do verbo priorizado por Lispector nas citações acima, isto é, a prevalência do gerúndio à constituição do conto em análise. Fato que marca no texto a incursão do português do Brasil em contraste ao que é mais corrente, nesse caso, no português de Portugal: o uso do infinitivo – “a dar; a precisar; a escorrer; a pensar; a sair; a nadar”. A autora, ao optar pelo gerúndio – “dando; precisando; escorrendo; pensando; saindo; nadando” – expressa, evidentemente, conformidade com o uso dessa forma nominal do verbo no Brasil.

Contudo, na tentativa de se aproximar da variedade europeia da língua portuguesa, algumas palavras foram marcadas no conto com a grafia utilizada em Portugal (à época da publicação); a saber:

[...] veículo colectivo. (LISPECTOR, 1975, p. 51);

[...] caminho rigorosamente actualizado. (LISPECTOR, 1975, p. 51)

[...] boca lubricamente húmida. (LISPECTOR, 1975, p. 51)

[...] acto sexual. (LISPECTOR, 1975, p. 51)

[...] acto escandaloso. (LISPECTOR, 1975, p. 52)

[...] recto. (LISPECTOR, 1975, p. 53)

Aponte-se, ainda, que na palavra destacada a seguir, há a imitação da variedade europeia no nível fonológico (o /o/ aberto), ao mesmo tempo que há recuo no nível lexical: “subiu no *ónibus* às três horas da tarde” (LISPECTOR, 1975, p. 50, grifo nosso). Sendo, pois, o /o /aberto marca da variedade europeia do idioma, a exemplo de “atônito”; a palavra *ónibus*, mesmo que a simular essa marca, trai a acepção habitual concernente ao veículo em Portugal, autocarro. Considera-se, ainda, que a ficcionista republicou o conto dois anos após a publicação da revista *Colóquio/Letras*, e a edição apresentada pela magazine brasileira, revista *Mais*, materializa-se em uma versão reorganizada e reduzida da narrativa. Um exemplo crucial de reescrita promovido pela ficcionista pode ser verificado a seguir:

[Texto de 1975 – PT] E enfim o jorro maldito, a alma podre saindo do estômago aos trambolhões. (LISPECTOR, 1975, p. 52)

[Texto de 1977 – BR] E enfim o jorro maldito. (LISPECTOR, 1995, p. 232)

A primeira versão do conto, a portuguesa, ao apresentar a cena que marca o clímax da narrativa, utiliza a forma nominal gerúndio – “saindo”, registro comum à variedade brasileira do português – e, somado a uma expressão habitual, ainda nos dias atuais, no português falado em Portugal: “aos trambolhões”. Fatos que reiteram a interpretação de que há uma tentativa de **imitação** do modo de dizer do português europeu, mas com tensão ao registro brasileiro do idioma, ocorrência que marca na tessitura textual um estranho recuo enquanto se avança na simulação linguística de um texto que se quis configurar-se “à moda portuguesa”; a segunda versão do conto, a brasileira, é sucinta ao descrever o vômito que J. B. expeliu; a cena que acentua a crise da intriga, na edição publicada pela revista *Mais*, é narrada de forma objetiva, sem rodeios ou adereços; embora note-se também uma conotação espiritual à náusea da personagem: uma maldição.

Ao se considerar as condições de produção de “Desespero e desenlace às três da tarde”, tem-se a informação, conforme antecipada, de que Clarice tinha sido demitida do *Jornal do Brasil* de forma nada amigável, em dezembro de 1973, pouco mais de um ano antes da reescrita do conto publicado em Portugal. Com seus recursos financeiros escassos, a autora passa a intensificar suas produções escritas “com a ponta dos dedos” (LISPECTOR, 1998, p. 46), metonímia empregada pela própria Clarice para separar as suas produções “intimamente inspiradas” dos textos produzidos sob encomenda, textos comerciais.

Constata-se que o conto “Desespero e desenlace às três da tarde”, se comparado ao texto “Devaneio e embriaguez de uma rapariga”, materializa-se em construção apressada, isto é, com montagem oscilante às variedades do português postas em conflito na narrativa. Situação que aponta, possivelmente, a pressa com que a autora escreveu o texto em questão, visando a “venda” de sua produção, uma vez que “[...] todas as colaborações da revista *Colóquio/Letras* [foram] pagas durante esses anos [década de 1970] (e até muito recentemente)”⁷.

⁷ Cf. e-mail recebido de Maria Filipe Ramos Rosa (em 23 de julho de 2021): “Caro Thiago Cavalcante Jeronimo, bom dia, Em resposta à sua pergunta, informo que todas as colaborações da revista *Colóquio/Letras* eram pagas durante esses anos (e até muito

Antiepifania, diálogo no limiar: desenlaçado

“Desespero e desenlace às três da tarde” pode ser classificado como conto de estrutura comum: marcado pela brevidade, de sintaxe narrativa linear, concentrado em uma única ação, de curta duração temporal e situada em um só espaço. Seu enredo, a apontar semelhanças a outros textos de Clarice Lispector, equipara-se à escrituração da autora com a seguinte disposição: (1) a personagem é apresentada em uma situação corriqueira, vincada ao ramerrão do seu cotidiano; (2) depara-se, então, com uma estranha sensação que lhe ocasiona um *insight*, uma revelação repentina acerca de sua vida; e (3) ao término desse processo revelador, a personagem regressa, modificada, ao seu cotidiano.

A tríade de níveis narrativos pode ser acionada no conto em análise com os seguintes desdobramentos: um homem, apresentado pela sigla J. B.⁸, com quase cinquenta anos, “entrou no ônibus na ensolarada Praça Mauá” (LISPECTOR, 1975, p. 50);⁹ ocorre-lhe um “mal estar no estômago” (LISPECTOR, 1975, p. 51), incidente que desencadeia o clímax do texto,

recentemente). Não lhe posso, no entanto, garantir que haja ainda registo desses pagamentos. Uma vez que o arquivo da revista foi integrado num único departamento da *Fundação Gulbenkian*, reencaminho este email para a minha colega Mafalda Melo de Aguiar, responsável pelos Arquivos, onde talvez se conserve algum documento. Com os melhores cumprimentos e votos de bom trabalho, Maria Filipe Ramos Rosa – *Revista Colóquio/Letras*”. Contudo, ao averiguar os arquivos da *Fundação Gulbenkian*, Mafalda Melo de Aguiar apontou que: “Caro Thiago Cavalcante Jeronimo, Os Arquivos Gulbenkian não localizaram informação nenhuma referente a pagamentos a Clarice Lispector. Com os melhores cumprimentos, Mafalda Aguiar – Arquivos Gulbenkian” (e-mail recebido em 26 de julho de 2021). Percebe-se que, embora fosse comum a remuneração dos colaboradores da revista *Colóquio/Letras* – “até muito recentemente” – os registros de pagamento pelos dois contos que Lispector publicou no periódico não foram arquivados pela Fundação Gulbenkian. Curioso esse apagamento...

⁸ A sigla que dá nome à personagem do conto em análise, ao mesmo tempo que oculta a sua identidade, curiosamente aponta para o nome do jornal no qual Clarice Lispector trabalhou como cronista: *Jornal do Brasil*, o *JB*. Marca-se que, no macrotexto lispectoriano, o acrônimo é grafado, dentre outros, em *A paixão segundo G.H.*, quer seja no título da obra, quer seja no nome de sua protagonista; o narrador de *A hora da estrela* apresenta-se como *Rodrigo S.M.*

⁹ Embora haja na tessitura do conto a simulação da variedade europeia do português, sublinhe-se que a narrativa tem como cenário de seu conflito a Zona Central da cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

“o desespero” que assinala o título da narrativa a apontar para o processo epifânico que à personagem é direcionado textualmente. Na finalização do acontecimento banal, mas assombroso, J. B. regressa a casa, modificado, “desenlaçado”, pois, a par da descoberta que vivencia, reconhece que a sua “vida podia ser leve” (LISPECTOR, 1975, p. 53).

Estranha sensação, *insight*, revelação repentina, incidente são sinônimos possíveis para a definição crítica de epifania: recurso crucial que move muitas das narrativas de Clarice Lispector. O termo, antes de sua apropriação pelo cristianismo, designava a aparição dos deuses aos seres humanos; realocado ao contexto cristão, epifania expressa a manifestação terrena de Jesus Cristo, tido como o verbo de Deus encarnado. James Joyce (1882-1941), por seu turno, seculariza o conceito, dando-lhe uma conotação concretamente literária.¹⁰ Uma das acepções acerca da ótica literária condizente ao termo epifania pode ser encontrada na obra *Stephen Hero* (1944), do ficcionista irlandês, com o seguinte desdobramento:

[...] quantas vezes passo diante dele [do relógio], faço-lhe alusões, falo dele, olho-o de relance. Não passa de um artigo no cadastro patrimonial nas ruas de Dublin. De repente, um belo dia, olho-o e vejo-o tal como é: uma epifania. [...] imagine meus olhares sobre esse relógio como experiências de um olho espiritual, tentando fixar a própria mirada através de um preciso foco de luz. No momento em que o foco é ajustado, o objeto é epifanizado. Ora é nesta epifania que reside para mim [...] a *qualidade suprema do belo*. (JOYCE, 1944 *apud* SÁ, 1979, p. 135-136, grifo nosso)

Ora, essa definição de epifania, uma manifestação súbita em que algo se descortina à vivência da personagem focalizada ao belo, reenquadra-se em “Desespero e desenlace às três da tarde” com outro veio de conceituação. J. B., ao vivenciar o mal-estar em seu corpo, a náusea que lhe abre espaço para a passagem “do jorro maldito” (LISPECTOR, 1975, p. 52) e, por conseguinte, a um novo patamar de vida, não se configura na vivência de algo belo, luminoso, transcendente; ao contrário, o que marca o limiar que a personagem vive envolve-se em sentido contrário às epifanias de luminosidade e de beleza. O que se manifesta no texto de Clarice Lispector

¹⁰ Olga de Sá (1979) indica que “a graça da epifania é uma espécie de graça profana; não é a graça dos santos” (p. 157).

é a sinalização grotesca da epifania, a sua paródia; percepção tensionada inclusive e sobretudo pela sinalização da refração sexual à caracterização da personagem que dita a perspectiva do conto em análise, como será apresentado no tópico subsequente.

Antes, porém, registre-se a contribuição de Olga de Sá (1979) no que assenta a conceituação de antiepifania. Ao analisar o termo na esteira de James Joyce, a estudiosa de Clarice Lispector, contudo, dilata a definição do autor de *Ulisses* (1922) às análises que considera acerca da produção da autora brasileira. Para a crítica, existe uma classe de epifanias configuradas de modo a revelar não a alegria, a satisfação ou o fascínio, mas a força do tédio, da náusea, da decepção:

[Há] momentos epifânicos [que] não são necessariamente transfigurações do banal em beleza. Muitas vezes, como marca sensível da epifania crítica, surge o enjoo, a náusea. A transfiguração não é radiosa, mas se faz no sentido do mole, do engordurado e demoníaco [...]. Assim como existe em Clarice toda uma gama de epifanias da beleza e visão, existe também uma outra, das epifanias críticas e corrosivas, epifanias do mole e das percepções decepcionantes, seguidas de náusea e tédio. (SÁ, 1979, p. 155-156)

A personagem clariciana, no direcionamento de revelação que lhe é posto em narrativa, caracteriza-se à vivência de uma crise existencial intermediada pela “percepção decepcionante” do modo como apreende e configura sua vida pessoal, sexual e social. A saber:

Subiu no ônibus às três horas da tarde em pleno sol cheio, um sol repleto de si mesmo. [...] O ônibus estava lotado, não havia mais lugar para se sentar. Formara-se longa fila de homens e mulheres de pé, um corpo quase colado ao outro. Mas a promiscuidade, que o senhor J. B. nem de longe toleraria, não existia para ele. [...] Como foi que começou? Almoçara pouco, era homem frugal em sexo e comida. Porque então esse leve mal-estar no estômago? Mal-estar que aumentava. E ele colado frente a frente a uma senhora de peitos fortes e muito decotada. Quando, obrigado pela situação em que estava, olhava para os seios brancos desta digna ou indigna senhora, viravam-se-lhe as entranhas pelo avesso. Se desviava o olhar, este caía turvo sobre a boca embigodada e lubrificamente húmida dum homem sentado e em pleno vigor da idade. (LISPECTOR, 1975, p. 50-51)

O excerto acima sinaliza o mal-estar sentido por J. B. e aponta o conflito da narrativa¹¹. Conflito de constituição identitária, associado, inclusive, à esfera sexual, contida, da personagem. As palavras apresentadas a seguir, ao marcarem o apelo sexual libidinoso que J. B. experiencia no veículo público – promiscuidade, peitos fortes, decotada, seios brancos, boca húmida, vigor da idade –, contrastam-se à contenção que a personagem direciona ao sexo: J. B. era casado com “[...] uma mulher a que ele não ligava” (LISPECTOR, 1975, p. 50) e é representado no conto como alguém comedido no que se refere à sexualidade e à alimentação: “era um homem frugal se tratando de sexo e de comida”¹² (LISPECTOR, 1975, p. 51).

A narrativa segue o seu fluxo e apresenta J. B. descendo do ônibus vitorioso por ter conseguido controlar a náusea que lhe acomete, contudo, buscando desesperado um local para expelir o vômito que o aprisiona, para expulsar de si “a vórtice do inferno” (LISPECTOR, 1975, p. 52); cenário que o faz experienciar o que Mikhail Bakhtin (1895-1975) definiu como “diálogo do limiar”, ou, em outros termos, acentua-se à constituição da personagem o seu “*estado de crise*”¹³ (BAKHTIN, 2015, p. 328, grifo do autor). Isto

¹¹ A tríade de níveis narrativos no tocante à epifania vivenciada pela personagem J. B. pode ser visualizada à constituição da personagem Ana, do conto “Amor”, texto sùmula da produção de Clarice Lispector: Ana sai de sua casa, inquieta-se após ter visto um cego mascando chiclete, vivencia o processo epifânico no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e, por fim, regressa à casa modificada. Importa marcar que J. B. vivencia “o acontecimento” (LISPECTOR, 1975, p. 50) às três horas da tarde, conforme sinaliza o próprio título da narrativa; Ana, semelhantemente, inicia o seu processo de autoconhecimento “na hora perigosa da tarde”. (LISPECTOR, 1960, p. 24) De acordo com Aparecida Maria Nunes (2006), “certa hora da tarde parece anunciar [em ambas narrativas de Clarice] o rompimento da ordem das coisas, a partir de profundas experiências íntimas” (p. 31). Marca-se, ainda, que o conto “Amor” materializa-se no compêndio *Laços de família*, livro que registra na maioria de suas narrativas, treze contos, personagens “enlaçadas” em contexto familiar, presas ao ramerrão do cotidiano. Nesse veio, Ana e J. B., enlaçados, são modificados, via epifania e antiepifania, respectivamente.

¹² Registre-se a referência ambígua associada ao verbo comer que, em sua função denotativa, sendo verbo transitivo, aponta para a ingestão de alimentos: mastigar, engolir; mas, em sua função conotativa, informal, sendo verbo transitivo e pronominal, indica o ato da relação sexual.

¹³ Aurora Gedra Ruiz Alvarez e Lilian Lopondo (2012), acerca da definição de diálogo no limiar, esclarecem que o diálogo no limiar é “[...] uma modalidade de procura da verdade e do autoconhecimento motivada por uma *situação extraordinária de intenso dramatismo na narrativa*, que acaba por constranger a personagem a um discurso de “confissão-prestação de contas” (p. 7, grifo nosso).

porque na rua, J. B. avista “como se no deserto visse uma miragem – *a porta aberta* dum bar barato” (LISPECTOR, 1975, p. 52, grifo nosso).

Considera-se a simbologia existente na “porta”:

o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 734-735)

Nesse veio, à simbologia da porta vinca-se a alternativa de entrar ou de retroceder, e, por conseguinte, a probabilidade de vivenciar uma revelação. Seguindo a ótica bakhtiniana, a simbologia associada à porta marca “a possibilidade de, em um instante, transformar o inferno no paraíso (isto é, passar de um para o outro)”¹⁴ (BAKHTIN, 2015, p. 336).

A crise que a personagem vivencia é realçada no confronto, na relutância que sente para se introduzir no banheiro do estabelecimento, visto que “[...] quando enfim chegou à *porta do mictório* quase morreu de novo: aquele lugar ordinário estava de tal modo imundo que ele *não se convencia a entrar*” (LISPECTOR, 1975, p. 52, grifo nosso).

Desatada a relutância, J. B. adentra o banheiro e força a expulsão ativa do conteúdo gástrico por sua boca, isto é, a personagem impele a passagem do vômito: “dobrou o corpo em dois e meteu o dedo pela goela que fremia que nem nervo solto numa gengiva. E enfim o jorro maldito, a alma podre saindo do estômago aos trambolhões” (LISPECTOR, 1975, p. 52).

Esse episódio desagradável, nomeado na narrativa de “acto escandaloso” (LISPECTOR, 1975, p. 52), desencadeia nova percepção no tocante à constituição da personagem clariciana. Expresso de outra maneira, o confronto entre a consciência de J. B. antes e após o acontecimento, isto é, “o confronto entre duas consciências, entre dois modos de ver e de pensar o mundo” gera uma “situação de excepcional tensão [...] e empurra o

¹⁴ “O limiar, a porta e a escada. Sua importância cronotópica. A possibilidade de, em um instante, transformar o inferno no paraíso (isto é, passar de um para o outro)” (BAKHTIN, 2015, p. 336).

protagonista da narrativa a elucidar os fatos e a conhecer-se”.¹⁵ (ALVAREZ; LOPONDO, 2012, p. 8) Isto porque, ao dobrar-se para passagem do “jorro maldito” (LISPECTOR, 1975, p. 52), a personagem “entendeu que [...] os atestados de existência lhe haviam caído do bolso. Lá estava no chão a sua carteira de identidade, a carteira de trabalho, tudo o que lhe fora seu desde que se tornara um homem” (LISPECTOR, 1975, p. 53).

Marca-se na narrativa a constituição de J. B. atrelada ao que lhe foi imposto socialmente: sua identidade individual, inevitavelmente coletiva, afirmada, inclusive, na condição de trabalhador. Contudo, após ter vomitado em seus documentos, nos atestados que lhe garantiam um modo enviesado de ser e de se estar no mundo, “ele de repente não era mais. Simplesmente, sem documentos, não podia mais provar a sua vida” (LISPECTOR, 1975, p. 53). Esse entendimento faz que outro homem, axiologicamente orientado,¹⁶ se erga da imundície duplicada do banheiro. Imundície que caracteriza o estabelecimento, reforçada pelo vômito expelido.

J. B., desenlaçado da identidade que o definia social e intimamente, “saiu do bar meio trôpego” (LISPECTOR, 1975, p. 53) e, como se estivesse ébrio, teve a percepção de que “toda a tragédia de Goethe, com música de Wagner, se passara em apenas meia hora. Boaquiaberto. Até mancava um pouco”¹⁷ (LISPECTOR, 1975, p. 53). Com essa tessitura e com esse ritmo, após ter passado de um estado a outro, isto é, após sua entrada em um novo patamar de revelação, a personagem que “estava habituada a viver com extrema força” (LISPECTOR, 1975, p. 53) materializa-se ciente de “que a vida podia ser leve” (LISPECTOR, 1975, p. 53). Nesse diapasão, a voz do narrador é silenciada e o tom da voz de J. B. se faz ouvir no tecido narrativo: “como é bom a vida sem eu” (LISPECTOR, 1975, p. 53).

A náusea que J. B. experiencia propicia-lhe o conhecimento – decepcionante – do “eu” que engessava e enviesava suas ações e reações diante do mundo que se vê partícipe. A antiepifania que à personagem é

¹⁵ “O diálogo no limiar é o confronto entre duas consciências, entre dois modos de ver e de pensar o mundo. Essa situação de excepcional tensão empurra o protagonista da narrativa a elucidar os fatos e a conhecer-se” (ALVAREZ; LOPONDO, 2012, p. 8).

¹⁶ Conforme esclarece Mikhail Bakhtin (2012): “[...] viver é tomar posição axiológica a cada momento; é posicionar-se frente a valores” (p. 153).

¹⁷ Clarice Lispector **simula** a variedade do português europeu em “Desespero e desenlace às três da tarde”; o texto, assim como a personagem J. B., “manqueja” em sua constituição.

atribuída na narrativa, a apontar para o sexo vulgar, a impureza, o feio, a imundície, reverte a postura frugal, contida, que caracterizava a personagem, em livre excitação.

Desenlaçado dos rótulos agregados em sua identidade, ao voltar para a sua casa, J. B. come embutidos (salsichas) e bebe álcool (cerveja de marca brasileira – Brahma), procura sexualmente sua mulher e esta, por sua vez, não compreende “[...] a inesperada afoiteza dum homem até então solene. Afoiteza de homem livre” (LISPECTOR, 1975, p. 53). Se antes era comedido, após o “súbito acontecimento” (LISPECTOR, 1975, p. 50), J. B. “agora aceitava qualquer inovação, mesmo as incautas. Viver sem nobreza era mais simples. Ganhara de algum modo a grande vida ao permitir-se ter o valor dum rato alegre” (LISPECTOR, 1975, p. 53).

A personagem avalia o rumo de sua vida, num ato responsável, no qual convoca para si nova percepção de estar no mundo e de como agir nele. Desenlaçado da engessadura que prendia suas ações e seus desejos, J. B. rechaça as forças centrípetas que definiam a sua existência e convoca para seu cotidiano a versatilidade atinente às forças centrífugas; na atual configuração de seu posicionamento de vida, a máscara conservadora cai, e o protagonista, que antes do processo de autoconhecimento “fazia questão de ser adequado” (LISPECTOR, 1975, p. 51), de enquadrar-se no conservadorismo, passa a viver e a experimentar novos valores existenciais, apreendidos, sobretudo, ao dar vazão aos seus instintos, antes silenciados.

Considerações finais

Em 1960, Clarice Lispector publica o saudado e repercutido livro *Laços de família*. O conto que abre o volume, “Devaneio e embriaguez de uma rapariga”, singular dentro da literatura brasileira, materializa-se, para usar a expressão da própria ficcionista, numa “experiência de linguagem”, isto é, o texto se sustenta “à moda portuguesa”: sendo, pois, falante da variedade brasileira do português, Lispector cria um enunciador falante da variedade europeia do idioma.

Em via oposta, essa “experiência de linguagem” não se configura integralmente em “Desespero e desenlace às três da tarde”, conto da autora publicado na revista portuguesa *Colóquio/Letras*, em maio de 1975, quinze anos após o lançamento de *Laços de família*. No texto veiculado pelo periódico português, a autora **simula** enunciar no nível do discurso, no

nível da narrativa, a variedade da língua portuguesa utilizada em Portugal, mas deixa entrever na tessitura textual resquícios (propositalmente?) do português do Brasil, no âmbito linguístico; ocorrências que inviabilizam a unicidade linguística-discursiva da variedade europeia do português na construção do conto em análise.

Considerando as condições de produção de “Desespero e desenlace às três da tarde”, diferentemente do conto “Devaneio e embriaguez de uma rapariga”, a narrativa publicada em Portugal foi escrita “com a ponta dos dedos”, isto é, em período que, demitida do *Jornal do Brasil*, a autora, para suprir sua renda financeira, acentuou em sua produção textos com forte apelo comercial ou sob encomendas.

Curiosamente, o protagonista do conto em análise apresenta-se na narrativa com o acrônimo J. B., identidade sombria, posta sob a aparente adequação formal, enviesada à máscara social com a qual a personagem se habituou a viver antes de experimentar a epifania corrosiva, a antiepifania que a impeliu ao limiar, à **crise** de identidade, e, por consequência, a rever seu modo de ser e de estar no mundo.

O presente trabalho, dedicado a João da Silva Pereira, inscreve-se no âmbito do pós-doutoramento realizado no Departamento de Línguas e Culturas, da Universidade de Aveiro, sob supervisão do Prof. Dr. Paulo Alexandre Cardoso Pereira.

Referências

ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz.; LOPONDO, Lilian. Diálogo no limiar e diatribe: mecanismos de construção da autoconsciência do sujeito. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, p. 5-18, 2012.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. Clarice Lispector, uma escritora no escuro: atribuindo toda a sua criatividade ao inconsciente, ela despreza as interpretações dos críticos e a acusação de que só escreve para si mesma. *Manchete*, Rio de Janeiro, 1975. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=151104>. Acesso em: 22 jul. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

CARTAS de Clarice Lispector para Mora Fuentes. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12 jul. 2015. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/36650-cartas-de-clarice-para-mora-fuentes>. Acesso em: 22 jul. 2021.

CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

DESENLAÇE. In: DICIONÁRIO Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DESESPERO. In: DICIONÁRIO Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HAHN, Sandra. *O texto concreto: a reescrita dos textos em Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

LISPECTOR, Clarice. Desespero e desenlace às três da tarde. *Colóquio/ Letras*, Lisboa, n. 25, p. 50-53, 1975.

LISPECTOR, Clarice. Desespero e desenlace às três da tarde. In: HAHN, S. *O texto concreto: a reescrita dos textos em Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995. f. 231-232.

LISPECTOR, Clarice. Desespero e desenlace às três da tarde. *Travessia*, Florianópolis, n. 36, p. 82-85, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Elisa. *A última porta*. Rio de Janeiro: Documentário, 1975.

MOSER, Benjamin. Glamour e gramática. In: LISPECTOR, C. *Todos os contos*. Organização de B. Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 9-24.

NUNES, Aparecida Maria. A ficção de Clarice Lispector na revista paulista Mais. Congresso Nacional de Literatura e Gênero, 1., 2013, São José do Rio Preto. *Anais [...]*. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2013. v. 1. p. 18-21.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas e outras páginas*. São Paulo: Editora Senac, 2006.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 1979.

TERRA, Ernani. O enunciador em um conto de Clarice Lispector. *Entretextos*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 241-255, 2020.